

GÊNERO E NACIONALIDADE EM SALA DE AULA: AS DESVANTAGENS DE SER INVISÍVEL

LAÍS SILVA GARCIA; AMANDA APARECIDA SILVA DA COSTA²; ALINE COELHO DA SILVA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – laisg16@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – amandaascosta20@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – silva.aline.coelho@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado da experiência proporcionada pela disciplina de *Estágio de Observação-Língua Espanhola*, que é ofertada no quinto semestre aos estudantes de Letras. Esta experiência (a qual resultou em um relatório de estágio) discorre sobre as impressões e reflexões, especialmente, relacionadas à questões da construção do estereótipo (ou desconstrução destes) de gênero em sala de aula de Língua Estrangeira. De acordo com as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), o ensino de LE torna-se muito mais que apenas desenvolver um novo sistema cognitivo, considerando esta, inclusive, como uma visão simplista do ensino de línguas. Aprender LE comporta, também, em aumentar a percepção de linguagem, seja materna ou estrangeira, de compreender seu funcionamento e formação, além de proporcionar o contato com outras culturas.

Nesse sentido, o trabalho tem por objetivo refletir sobre o contexto escolar no que se refere às representações de gênero e nacionalidade na sala de aula de LE, especificamente, em duas turmas de sexto ano da *Escola Municipal de Ensino Fundamental Jeremias Froes*, situada na cidade de Pelotas/RS, que são ministradas pela professora Carolina Lautenscheläger. Além disso, apresentamos nossa reflexão sobre o papel do professor nessa construção, considerando os aspectos culturais e a formação (ou desconstrução) de estereótipos nacionais e de gênero.

2. METODOLOGIA

Foi realizada, inicialmente, uma pesquisa de campo a partir da observação de doze aulas em duas turmas de sexto ano, seis aulas para cada turma. Usamos um suporte teórico que balizou nossa observação que se voltou para os aspectos de gênero e cultura proporcionado ao decorrer do curso de Letras-Português e Espanhol da Universidade Federal de Pelotas, além de bibliografia própria para a construção deste trabalho que tratavam da questão cultural na sala de aula de LE, como Nardi (2007) e Pereira (2007).

Durante as aulas observadas, foram realizadas diversas anotações referentes aos pontos mais significativos apontados pela pesquisadora, além do registro através de imagens, como ilustra a Figura 1:



Figura 1-Aula de Língua Espanhola

O suporte teórico aliado às observações, em um segundo momento, formaram reflexões e deram vida ao Relatório de Estágio (meio avaliativo da disciplina de Estágio de Observação-Língua Espanhola), que foi dividido em *introducción; el contexto de la escuela; el grupo de alumnos; la formación académica y la realidad escolar e conclusión*. O primeiro tópico propõe a apresentação do trabalho; o segundo, a descrição da escola, sua história e sua relação com a comunidade; o terceiro comenta as características das duas turmas, similaridades e diferenças, a relação da professora com os alunos, bem como a metodologia e atividades desenvolvidas pela professora em sala de aula; o quarto, por sua vez, fundamenta os pressupostos da pesquisadora e as análises realizadas a partir do conteúdo teórico adquirido; por fim, o último traz nossa reflexão sobre todos os elementos trabalhados nos tópicos anteriores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sala de aula de LE pode ser um ambiente sujeito à construção de diversos estereótipos, uma vez que está condicionada a estigmas engessados em uma concepção própria distante do *outro*. De acordo com Nardi (2007) a criação de estereótipos permite ao sujeito a sensação iludida de dominar o outro, assim como sua verdade, simplificando-o e reduzindo-o a partir de uma visão idealizada, a qual pode causar o apagamento da identidade deste, assim, pensa-se que o conhecendo por completo, é possível dizê-lo. Em uma das aulas observadas, a professora propôs estudar o México, mas como falar sobre o outro exige grande cuidado, ela convidou uma mexicana que fazia intercâmbio universitário no Brasil, ou seja, dando lugar no enunciado para uma voz diretamente inserida naquela cultura, fazendo com que o outro fale de si mesmo.

A condução da aula de LE pode demonstrar diferentes tratamentos com relação ao gênero, inclusive alguns estudos indicam que na década de 1980 e 1990 era claro o privilégio discursivo dado a alunos homens. Pereira (2007) observa que, especialmente no ensino de LE, esta conduta interfere consideravelmente a aprendizagem por alunos do sexo feminino, que se veem em desvantagem com relação aos colegas do sexo masculino. Atualmente, de acordo com Pereira (2007) há maior preocupação com relação às desigualdades de gênero em sala de aula, o que pode ser comprovado pelas autoras durante o processo de observação das aulas.

Seguindo com a quebra de estereótipos, em outra aula a professora trabalha com um ícone do México, Frida Kahlo, mulher extremamente influente em seu país e no mundo, mesmo não se encaixando aos estereótipos de mulher latino-americana criados pela perspectiva do *outro*. Por também ser símbolo do comunismo, a professora pôde explanar sobre os sistemas políticos e a ideia de felicidade por detrás deles. Além disso, sendo ícone do movimento feminista,

trabalhar com Frida Kahlo possibilitou à professora tratar sobre a representatividade da mulher, sua força e sua independência distante dos discursos patriarcais emprenhados culturalmente em nossa sociedade.

O estereótipo de família tradicional também foram questionados em sala de aula. Para ensinar os graus de parentesco em Língua Espanhola, a professora faz uma árvore genealógica de sua família fictícia utilizando diversos famosos conhecidos pelos alunos. Nessa família constituída em aula, a professora tem uma filha que se casa com outra pessoa do mesmo sexo e as duas juntas têm um filho. Esta atividade causou estranhamento aos alunos e revelou discursos de ódio bastante acentuados em crianças ainda em formação. Assim, foi possível perceber que o empenho da professora em trabalhar arduamente estas desigualdades sociais, desempenhando seu papel político-social em sala de aula, os conceitos machistas, homofóbicos, racistas formam a base dos alunos e transformam invisíveis, mesmo que inconsciente, a diversidade da sala de aula, do país e do mundo.

4. CONCLUSÕES

A proposta educacional investida pela professora está encaixada ao conceito de *educação libertária* de Paulo Freire (2011), a qual procura incentivar a humanização dos alunos, formando pessoas autênticas de seus pensamentos, ativos e críticos. No entanto, a partir da troca de experiência com outros colegas do mesmo curso e, também, de nossa experiência como alunas de ensino fundamental e médio, as aulas de LE nem sempre são conduzidas da mesma forma. Muitas vezes, os alunos se tornam passivos no processo de construção do conhecimento, acostumados a cumprir ordens, oprimidos e sem criticidade, encaixado ao conceito de educação bancária do mesmo autor. A professora Carolina Lautenschläger possui 26 turmas, mais de cem alunos e é uma heroína sim, porque com enorme dificuldade consegue preparar uma aula dedicando-se a cada momento dela, no entanto, jamais se deve exigir ato heróico de todos. Nas escolas, as observações são vistas, muitas vezes, como uma forma de dar voz a comunidade escolar. Professoras, coordenadores pedem para que falemos sobre a realidade do cotidiano da escola, mostrando, portanto, que a comunidade como um todo entende a presença de nós, acadêmicos, como uma forma de visibilizar seus anseios.

O ambiente escolar, de acordo com Pereira (2007), é considerado como um lugar onde as práticas sociais são produzidas, (re)produzidas e/ou resignificadas, tendo papel de suma importância na construção de identidades, já que os alunos são, de modo geral, inclinados a pensarem seus valores, sua cultura. Esta, por sua vez, de acordo com Nardi (2007), jamais pode ser pensada a partir de traços fixos, a qual forja ilusão de unidade para o comportamento individual que deveria ser um exemplar. Apesar de haver forte preocupação com a quebra de estereótipos durante as aulas observadas, a invisibilidade surge no discurso de cada aluno. Enquanto resultado da proposta da disciplina de Estágio de Observação-Língua Espanhola, este trabalho é entendido como completo, uma vez que foram respondidas todas as questões pressupostas anteriormente. No entanto, esta experiencias geraram outros questionamentos, os quais serão desenvolvidos posteriormente por meio da disciplina de Estágio de Intervenção-Língua Espanhola.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quartociclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DE NARDI, F. S. Um olhar discursivo sobre a língua, cultura e identidade: Reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011

PEREIRA, A. L. Representações de gênero em livros didáticos de língua estrangeira: reflexos em discursos de sala de aula e relação com discursos gendrados que circulam na sociedade. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007.